

3.24 Os vestígios na obra de Sophie Calle como recurso ao ator Joice Rodrigues de Lima*

Abstract. This paper intends to emphasize the traces included in some works of the french artist Sophie Calle like a possible resource for the actor, in his creative process

Keywords: actor, traces, creation process.

Resumo. Este artigo pretende enfatizar a observação de vestígios presentes em alguns trabalhos da artista francesa Sophie Calle, assim como, a situação de ausência implícita, como um recurso possível ao ator, em seu processo criativo.

Palavras chave: ator, vestígios, processo de criação.

L'Hotel e Suite Venitienne: a observação de vestígios

O seguinte texto integra a pesquisa que desenvolvo junto a um grupo de atrizes, onde buscamos estabelecer relações possíveis entre imagens fotográficas e processos de criação do ator, tomando como referência o trabalho da artista francesa Sophie Calle.

Sophie Calle é fotógrafa, escritora, artista plástica, *performer*. Iniciou sua carreira por volta do ano de 1973, assumindo uma linguagem híbrida com elementos performáticos e autobiográficos. Em suas criações utiliza recursos justapostos como vídeos, fotografias, textos, ações performáticas. Sua obra pode ser apreciada tanto através de exposições em galerias, como publicadas em livros.

Uma das características de seus trabalhos é a recriação de realidades por meio da observação de vestígios deixados em espaços recém-habitados. Utiliza recursos midiáticos para registrar tais informações e, por conseguinte, produzir narrativas, sob sua própria perspectiva.

Diante deste aspecto, pretendemos realizar um diálogo entre as fotografias inseridas no trabalho de Calle e o processo de criação do ator. Para isto, focamo-nos em duas obras (ambas encontradas no livro *Double Game*, de autoria da artista em questão e parceria do escritor Paul Auster) construídas com o registro de rastros deixados cotidianamente por desconhecidos.

A primeira obra intitula-se *L'Hotel* e se constitui pelo registro fotográfico de um período em que Calle assumiu a vaga de camareira em um hotel, com o intuito de observar e registrar os quartos tais como deixados pelos hóspedes. O outro trabalho chama-se *Suite Venitienne* e formula-se na ocasião em que Calle segue um homem na trajetória de uma viagem com trajeto Paris -Veneza, apropriando-se dos rastros deixados por ele neste caminho.

Nesta pesquisa focamo-nos em entender a posição que a observação dos rastros de outrem ocupa nestas duas obras de Calle, para que assim, possamos vislumbrar um diálogo de sua obra com o processo criativo do ator, a fim de indicar possíveis contribuições no que diz respeito à criação de ações e imagens corporais.



Figura 1: detalhes de 'suite vénitienne'. Fotografia de sophie calle (1980).

* Brasil, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde desenvolve dissertação de mestrado com o título 'A fotografia como estímulo à criação do ator' e conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

1. Vestígios: a representação de uma ausência

Em *Suite Vénitienne* (1980), Sophie Calle tece uma narrativa combinando fotografias e textos que relatam os feitos de um homem, escolhido aleatoriamente, numa viagem de Paris até Veneza (Figura 1).

Durante quase duas semanas, a artista permanece em seu rastro registrando-o fotograficamente e obtendo informações sobre seus hábitos com pessoas que ele encontrou e conversou neste período. Com este material, a artista remonta fatos e cria uma narrativa permeada por sua própria leitura a respeito dos registros. Sendo assim, constatamos que os rastros deixados pelos lugares onde o homem passou servem de material base para a criação da artista (Figura 2).



Figura 2. Trajeto pelo qual o homem foi seguido em 'Suite Vénitienne', de Sophie Calle (2003). Detalhes da disposição de objetos deixados em um quarto em 'L'Hotel'. Fotografia de Sophie Calle (1985).

Na outra obra de Calle que tomamos como referência, intitulada *L'Hotel* (1985), a artista assume uma vaga temporária em um hotel, com a função de camareira. Neste caso, diariamente, ao adentrar os quartos vazios fotografa-os antes de arrumá-los. Com esta prática,

registrou os vestígios que as pessoas deixam neste tipo de espaço, reunindo informações sobre hábitos íntimos de desconhecidos (Figura 3).



Figura 3: Detalhes da disposição de objetos deixados em um quarto em 'L'Hotel'. Fotografia de Sophie Calle (1985).

Isso posto, reconhecemos que a prática de Calle ao abordar rastros cotidianos resulta num processo de criação de narrativas a partir de vestígios que, quando deslocados de seu contexto habitual, adquirem a possibilidade de reconfiguração. Este procedimento constitui uma das práticas adotadas por esta artista em seu processo de criação e é tomado nesta pesquisa como um indicativo ao processo de criação do ator.

Reconhece-se, desta forma, a capacidade de Calle vislumbrar a ausência que tais vestígios representam transformando-a em possibilidades de presença que, por sua vez, toma corpo na narrativa que a artista compõe. O ato de remontar estas ausências indicando possíveis histórias faz com que Janet Hand, pesquisadora da Universidade de Londres, caracterize esta artista como *fazedora de histórias*. Esta autora afirma que Calle pensa e propõe, através de seu trabalho artístico, “situações oriundas do porque e do onde os vestígios deixados por outras pessoas se encontram, como num caminho etnográfico à criação” (Hand, 2005, 478).

Sendo assim, podemos afirmar que uma das maneiras de Calle construir sua obra é apropriar-se dos vestígios do outro e da ausência que eles representam. Jean Baudrillard afirma que Calle, em sua concepção, instaura um jogo de sedução no qual se apropria dos rastros do outro e os assume como se fossem seus. Assim, a artista tece uma narrativa assumindo dados de desconhecidos, “a rede do outro é utilizada como forma de ausentar-se de si mesmo” (Baudrillard, 1997, p.47).

Numa reflexão sobre esta situação de ausência, o pesquisador brasileiro Ronaldo Entler lê nas fotos desta artista algo que chama por ‘presentificação de uma ausência’ (Entler, 2006, p.47). O autor coloca que Calle, ao levar a imagem ao âmbito do simbólico e, em consequência, do artístico, deixa uma lacuna que não se preenche, ela nos coloca uma memória que está implícita à fotografia, mas apresenta-se fragmentada e incompleta, justamente por constituir-se do acaso e do não conhecido, tornando-se cúmplice do espectador na investigação da obra. Esta lacuna, o autor citado chama de *esquecimento*, e a trata como potencializadora das imagens fotográficas de Calle, atribuindo-as a característica de obra artística, pois confere às mesmas a possibilidade de serem redescobertas, recriadas e relembradas:

(...) a arte é rica porque mantém suas lacunas e pede para que suas histórias sejam reinventadas. Por isso também a nossa imaginação flui diante de obras, por mais que tenham sido explicadas pelos bons livros de história da arte e pelos livros que contam mais didaticamente as histórias encenadas pela arte (Entler, 2004, p.55).

Esta lacuna a qual Entler se refere como esquecimento apresenta-se ao ator como uma possibilidade de caminho rumo à criação. Ao observar vestígios registrados fotograficamente, o ator depara-se com um espaço de ausências e, conseqüentemente, com a possibilidade de preencher este espaço com sua criação. Da mesma forma que Calle tece histórias a partir de vestígios concretos, o ator vislumbra a possibilidade de laborar ações e imagens corporais (visto que é este seu material de trabalho) tendo como propulsor as possibilidades que os rastros e as ausências implícitas neste processo representam.

Conclusão

Dessa forma, observamos que o aspecto da obra de Sophie Calle destacado neste texto, no que tange à relação com os vestígios em seu processo de criação, apresenta dados que sugerem sua continuidade no campo da imaginação, fato este, que possibilita a criação.

Portanto, constatamos que os vestígios destacados nas imagens fotográficas de Calle, podem servir como propulsor à criação do ator. É possível ainda que observação de rastros por parte do ator aconteça através do contato com a própria obra de Calle ou, ainda, que esta prática tome expansão num exercício ao ator que consista na observação a outras situações cotidianas e/ou imagens fotográficas de outras naturezas que ressaltem rastros de um outrem.

Dessa forma, apresentamos com este texto a possibilidade de um caminho criativo ao ator vindo da observação dos vestígios percebidos em parte da obra da artista francesa Sophie Calle: o ator encontra a possibilidade de revelar aquilo que não está visível na fotografia através de sua criação corporal. •

Referências

Baudrillard, Jean. (1997) *A Arte da Desaparição*. Org. Katia Maciel. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Calle, Sophie (2007). *Double Game*. New York : Violette Editions/DAP.

Entler, Ronaldo (2008). O corte fotográfico e a representação do tempo pela imagem fixa. In *Stadium* 18, v.12, 2004. Disponível em <http://www.stadium.iar.unicamp.br/18/03.html>>. Acesso em: 28 jul.

Hand, Janet. (2005) Sophie Calle's art of following and seduction. *Cultural Geographies* 12: 463-484.